O inverno demográfico na Ásia: consequência do embate entre desenvolvimento econômico e raízes socioculturais

El invierno demográfico en Asia: consecuencia del choque entre el desarrollo económico y las raíces socioculturales

The Demographic Winter in Asia: A Consequence of the Clash Between Economic Development and Sociocultural Roots

Lúcia Marques

A experiência asiática destaca as limitações das teorias eurocêntricas e unidirecionais predominantes e ressalta a necessidade de explicações regionalmente fundamentadas que considerem a interação entre forças estruturais, normas culturais, contextos históricos e políticas na formação do declínio da fertilidade.[1]

Resumo: O fenômeno chamado inverno demográfico representa a queda da taxa da natalidade para menos de 2,1 filhos por casal, o que que leva à queda da população mundial. O assunto está em todos os debates econômicos e de saúde global de 2026. A Ásia vive um paradoxo: está vivenciando significativos movimentos sociopolíticos, rápidos avanços tecnológicos e dinâmicas intergeracionais em evolução ao mesmo tempo que vive o inverno demográfico mais acelerado da história humana, uma vez que a queda na taxa de natalidade está atrelada à queda na taxa de casamentos – na China, no Japão e na Coreia do Sul a reprodução e a parentalidade continuam estritamente vinculadas ao matrimônio formal. Logo, o declínio dos casamentos traduz-se diretamente no colapso da natalidade. A aceitação compulsória de um conjunto de obrigações institucionais e familiares rígidas não se adequa mais à autonomia financeira e inserção no mercado de trabalho conquistadas pelas mulheres instruídas, que passam a enxergar o matrimônio não como um ativo social, mas como um risco para a carreira e uma perda severa de autonomia pessoal. Mas o país que vive esse fenômeno de forma mais dramática é a Coreia do Sul, que passa por crises gêmeas, descritas assim por que não são fenômenos isolados, mas duas faces da mesma moeda epidemiológica. A conexão entre o "inverno demográfico" e o colapso da saúde mental, com alto número de suicídios, na Coreia do Sul é um dos temas mais debatidos na sociologia médica e na economia do desenvolvimento hoje. O colapso da nupcialidade, o viver sozinho e a escalada do sofrimento psíquico compartilham da mesma matriz estrutural: uma cultura de hiper competitividade e pressão por status que esvaziou os laços de solidariedade comunitária. Coreia hoje ocupa o primeiro lugar entre os países da OECD nas taxas de suicídio.

Palavras chaves: Inverno demográfico; envelhecimento; fertilidade; Ásia; Coreia do Sul; pressão social; suicídio.

[1] Jean Yeung WJ, Abalos JB. Social determinants of low fertility in Asia: a comparative review of trends in East, Southeast and South Asia. Lancet Reg Health West Pac. 2025 Dec 8;65:101724. doi: 10.1016/j.lanwpc.2025.101724. PMID: 41541619; PMCID: PMC12800761. Disponível em https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12800761/#bib29

Resumen: *El fenómeno llamado "invierno demográfico" representa la caída de la tasa de natalidad a menos de 2,1 hijos por pareja, lo que conduce al declive de la población mundial. Este tema se encuentra en el centro de todos los debates económicos y de salud global en 2026. Asia vive una paradoja: es testigo de importantes movimientos sociopolíticos, rápidos avances tecnológicos y dinámicas intergeneracionales en evolución, al mismo tiempo que experimenta el invierno demográfico más acelerado de la historia humana. Esto se debe a que la disminución de la natalidad está directamente vinculada a la caída de la tasa de nupcialidad; en China, Japón y Corea del Sur, la reproducción y la paternidad siguen estando estrictamente ligadas al matrimonio formal. Por lo tanto, el declive de los matrimonios se traduce directamente en el colapso de la natalidade. La aceptación obligatoria de un conjunto de rígidas obligaciones institucionales y familiares ya no se adapta a la autonomía financiera y a la inserción en el mercado laboral conquistadas por las mujeres instruidas, quienes pasan a ver el matrimonio no como un activo social, sino como un riesgo para la carrera y una pérdida severa de autonomía personal. Sin embargo, el país que vive este fenómeno de forma más dramática es Corea del Sur, que atraviesa crisis gemelas, descritas así porque no son fenómenos aislados, sino dos caras de la misma moneda epidemiológica. La conexión entre el "invierno demográfico" y el colapso de la salud mental, reflejado en el alto número de suicidios en Corea del Sur, es uno de los temas más debatidos hoy en día en la sociología médica y la economía del desarrollo. El colapso de la nupcialidad, el vivir solo y la escalada del sufrimiento psíquico comparten la misma matriz estructural: una cultura de hipercompetitividad y presión por el estatus que ha erosionado los lazos de solidaridad comunitaria. Actualmente, Corea del Sur ocupa el primer lugar en tasas de suicidio entre los países de la OCDE.*

Palabras clave: *Invierno demográfico; envejecimiento; fertilidad; Asia; Corea del Sur; presión social; suicidio.*

Abstract: *The phenomenon known as the "demographic winter" represents a drop in the birth rate to less than 2.1 children per couple, leading to a decline in the global population. This subject is at the center of all economic and global health debates in 2026. Asia experiences a paradox: it is witnessing significant sociopolitical movements, rapid technological advancements, and evolving intergenerational dynamics, while simultaneously experiencing the most accelerated demographic winter in human history. This occurs because the decline in birth rates is directly linked to the drop in marriage rates—in China, Japan, and South Korea, reproduction and parenthood remain strictly tied to formal matrimony. Consequently, the decline in marriages translates directly into a collapse of the birth rate. The compulsory acceptance of a rigid set of institutional and familial obligations no longer fits the financial autonomy and labor market integration achieved by educated women, who increasingly view marriage not as a social asset, but as a career risk and a severe loss of personal autonomy. However, the country experiencing this phenomenon most dramatically is South Korea, which is going through twin crises—described as such because they are not isolated phenomena, but two sides of the same epidemiological coin. The connection between the "demographic winter" and the collapse of mental health, characterized by high suicide rates in South Korea, is one of the most debated topics in medical sociology and development economics today. The collapse of marriage rates, singlehood (living alone), and the escalation of psychological distress share the same structural matrix: a culture of hyper-competitiveness and pressure for status that has eroded bonds of community solidarity. Today, South Korea ranks first among OECD countries in suicide rates.*

Keywords: *Demographic winter; aging; fertility; Asia; South Korea; social pressure; suicide.*

*

O inverno demográfico é uma hipótese apresentada pelo geógrafo Gérard François Dumont, em 2007, observada na Europa, particularmente na Alemanha e na Itália, assim como em outros muitos países, como o Japão. É quando o país vive o fenômeno em que a taxa de natalidade entra em queda e a taxa de mortalidade mantém-se em níveis baixos. Isso tem como consequência uma população envelhecida e todos os custos econômicos, sociais e familiares que isso representa.[2] Esse colapso nas taxas de natalidade impacta diretamente o "capital humano", cujos efeitos incluem a diminuição da força de trabalho ativa, gerando forte retração na economia; pressão insustentável sobre os sistemas de previdência social e saúde pública para atender à crescente população idosa[3]; e forte dependência de automação e políticas agressivas de incentivos governamentais para tentar reverter a queda de nascimentos.

O assunto está em todos os debates econômicos e de saúde global de 2026. Segundo François, para não vivenciar o inverno demográfico o país deve manter uma taxa de fecundidade de 2,1 filhos por mulher para substituir a sua população atual.

A Ásia está vivenciando significativos movimentos sociopolíticos, rápidos avanços tecnológicos e dinâmicas intergeracionais em evolução. A região também vive o inverno demográfico mais acelerado da história humana, uma vez que a queda na taxa de natalidade está atrelada à queda na taxa de casamentos. Isso representa uma crise existencial iminente para os países do Leste e Sudeste asiáticos. Em relatórios, a China chamou esse fenômeno de "crise do 4-2-1", um filho único para cuidar e sustentar 2 pais e 4 avós.[4]

Esse colapso nas taxas de natalidade impacta diretamente o "capital humano", cujos efeitos incluem a diminuição da força de trabalho ativa, gerando forte retração na economia; pressão insustentável sobre os sistemas de previdência social e saúde pública para atender à crescente população idosa[5]; e forte dependência de automação e políticas agressivas de incentivos governamentais para tentar reverter a queda de nascimentos.

E deve-se ter em conta que esses países ainda não alcançaram seu total potencial econômico e tecnológico; a redução da força de trabalho capacitada seria um grande atraso no desenvolvimento pleno.

Um relatório da ESCAP (Comissão Econômica e Social da ONU para Ásia e Pacífico) sobre as consequências econômicas e intergeracionais do envelhecimento da população na região confirma que alguns países que têm populações jovens e em crescimento, e que, com investimentos em educação e saúde, ainda podem se beneficiar do dividendo demográfico da transição demográfica; enquanto que outros países, já afetados por envelhecimento populacional significativo e rápido, eventualmente atingirão o ponto em que o inverno demográfico representará grandes custos socioeconômicos.

---

[2] Dumont, Gérard François. "El envejecimiento de las poblaciones en Europa o el invierno demográfico". Debats, 2007, pp. 15-23

[3] https://www.unescap.org/kp/2025/strengthening-health-systems-long-term-care-asia-and-pacific-policy-analysis#

[4] https://amro-asia.org/wp-content/uploads/2023/12/AN_Chinas-Long-term-Growth-Prospect-2023-12-14_amended.pdf

[5] https://www.unescap.org/kp/2025/strengthening-health-systems-long-term-care-asia-and-pacific-policy-analysis#

Dentro da Ásia e do Pacífico, existe atualmente uma grande variação na taxa de fertilidade de país para país, variando de 0,7 a 4,7. Pelo menos 17 países têm taxas de fertilidade em declínio, e um tem uma taxa de crescimento populacional de 2,7 por cento.

O estudo mostra que os países com maior crescimento no PIB apresentam maior envelhecimento populacional. E apresenta como essa transição demográfica que começa com um país jovem, com poucos idosos, muitas crianças e dependência do cuidado infantil. Em seguida, quando a fecundidade começa a cair, a dependência infantil diminui e o percentual da população em idade ativa aumenta, dando origem ao chamado (primeiro) dividendo demográfico, que impulsiona a taxa de crescimento da renda per capita. No entanto, o crescimento da força de trabalho também diminui à medida que a população idosa continua a crescer e a mortalidade começa a declinar, graças ao desenvolvimento socioeconômico – com melhorias em saúde, higiene, nutrição e educação. O envelhecimento populacional começa e o índice de dependência etária "cronológica" começa a subir.[6] O "dividendo demográfico" termina e é substituído pelo envelhecimento populacional e seus custos. É o que alguns países como o Japão, Coreia do Sul e China estão vivenciando.

Nos países da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), a realidade é dividida. Enquanto a região possui países com forte potencial de bônus demográfico (com uma idade média jovem), a transição demográfica avança rapidamente. Economias mais desenvolvidas, como **Singapura**, possuem taxas de fertilidade cronicamente baixas (abaixo de 1,1). **Tailândia** e **Vietnã** acompanham a tendência, com taxas que giram abaixo do nível de reposição. Já países como **Indonésia**, **Filipinas** e **Malásia** ainda mantêm taxas de fertilidade mais altas (geralmente entre 1,9 e 2,5 filhos), servindo como polos de mão de obra jovem. Contudo, o aumento da urbanização e da renda per capita indica que eles seguirão o mesmo caminho das nações mais ricas nas próximas décadas.

O Leste Asiático enfrenta o declínio populacional mais rápido do planeta, com algumas das menores taxas de fecundidade do mundo. E Japão, Coreia do Sul são exemplos do acelerado desenvolvimento e da acelerada queda na fertilidade e envelhecimento populacional.

Na **China,** a política do filho único e o alto custo de vida geraram uma contração estrutural. Em 2025, o país registrou uma taxa de natalidade de cerca de 5,6 nascimentos por mil habitantes e um aumento histórico nas taxas de mortalidade, aprofundando o déficit populacional. Em 2025, a China tinha 3,4 milhões de pessoas a menos que em 2024 [7] O país vive o dilema de envelhecer antes de se consolidar como uma economia plenamente rica, enfrentando uma transição demográfica em uma velocidade sem precedentes históricos. O **Japão** tem a sociedade mais idosa do mundo com uma taxa de fecundidade na média de 1,2. E ainda experimenta um declínio dramático da população em mais de 40% das municipalidades, que vão desaparecer até 2050 devido à acentuada queda na população ativa – fuga dos jovens para busca de emprego nas grandes cidades – que força o país a uma rápida modernização com foco em robótica e inteligência artificial.[8] A **Coreia do Sul** tem sido o epicentro global dessa crise, registrando taxas de fertilidade historicamente na casa de 0,72 a 0,75 filhos por mulher.[9] A despeito de ligeiro aumento em 2024 e 2025, o país corre o risco de ver sua população cair pela

[6] https://www.unescap.org/kp/2025/population-ageing-asia-pacific-region-and-its-economic-and-intergenerational-consequences

[7] https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2026-01/populacao-chinesa-tem-taxa-negativa-de-natalidade-recorde-em-2025

[8] https://lausanne.org/pt-br/report/relatorio-regional-da-asia-oriental

[9] https://www.frontiersin.org/journals/public-health/articles/10.3389/fpubh.2026.1731172/full

metade em algumas décadas. E tem batido repetidamente seu próprio recorde de menor taxa de natalidade do mundo: 0,98 bebês por mulher em 2018, 0,84 em 2020 e 0,72 em 2023.[10]

Na Ásia, o planejamento familiar, as políticas trabalhistas e as políticas relacionadas à família têm sido fundamentais para o declínio da fertilidade, com países como Bangladesh e Maldivas apresentando reduções acentuadas mesmo sem modernização completa.[11]

Esse colapso nas taxas de natalidade impacta diretamente o capital humano: Diminui a força de trabalho ativa, gerando forte retração na economia; aumenta a pressão sobre os sistemas de previdência social e saúde pública para atender à crescente população idosa; aumenta a dependência de automação e exige políticas agressivas de incentivos governamentais para tentar reverter a queda de nascimentos.

Nas últimas duas décadas, tanto o Japão quanto a Coreia do Sul transformaram o combate à baixa natalidade em prioridade de segurança nacional. Os dois governos injetaram centenas de bilhões de dólares em pacotes de incentivos, atuando principalmente em três frentes: transferências financeiras diretas, ampliação da infraestrutura de cuidado infantil e reformas (superficiais) no mercado de trabalho. No entanto, os resultados práticos foram nulos ou insuficientes: em 2025, a Coreia do Sul quebrou seu próprio recorde com a menor taxa de fertilidade do mundo (chegando a patamares próximos de 0,7), enquanto o Japão viu o número absoluto de nascimentos cair ano após ano.

Segundo o estudo da ESCAP, a parte mais dinâmica de todo esse processo, incluindo as mudanças na distribuição etária, dura pelo menos um século e meio (para uma transição rápida) ou dois ou mais séculos para uma lenta. Mas o que se observa atualmente é uma acelerada evolução desse cenário e as medidas e políticas públicas para evitar esse fenômeno e, consequentemente, evitar a desaceleração do desenvolvimento econômico, vai além de incentivos ou compensações financeiras.

As análises macroeconômicas tradicionais frequentemente apontam o alto custo de vida, a inflação imobiliária e as longas jornadas de trabalho como as causas universais para o colapso da fertilidade na Ásia.[12] Contudo, a literatura demográfica contemporânea e a sociologia de saúde pública revelam uma camada analítica mais profunda e estrutural: a persistência de normas patriarcais e a recusa consciente das mulheres jovens em aceitar o modelo tradicional de casamento. Como se pode observar, a queda na taxa da natalidade, especialmente no Leste asiático, tem uma raiz cultural e social profunda.

O Leste Asiático experimentou uma das transições econômicas e educacionais mais rápidas da história humana. Em poucas décadas, as mulheres alcançaram — e muitas vezes superaram — os níveis de escolaridade masculina. No entanto, a infraestrutura social e as expectativas culturais dentro do lar não acompanharam essa velocidade.

Na Coreia do Sul, Japão e China a reprodução e a parentalidade continuam estritamente vinculadas ao matrimônio formal. Logo, o declínio dos casamentos traduz-se diretamente no colapso da natalidade. A literatura apresenta o conceito de *marriage package* para explicar a decisão das mulheres em permanecer solteiras. Nestas sociedades, casar-se não significa apenas a união afetiva de dois indivíduos, mas a aceitação compulsória de um conjunto de obrigações

[10] https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckg61x94d97o
[11] https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12800761/#bib29
[12] https://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/53703/1/238.pdf

institucionais e familiares rígidas: é esperado que a mulher casada assuma quase a totalidade do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos, mesmo mantendo jornadas de trabalho integrais e competitivas; adicionalmente, as normas culturais de herança confuciana muitas vezes impõem à nora a responsabilidade direta pelo cuidado de longo prazo dos sogros idosos.[13]

Frente a esse cenário, as mulheres urbanas e instruídas, que conquistaram autonomia financeira e inserção no mercado de trabalho, passam a enxergar o matrimônio não como um ativo social, mas como um risco de carreira e uma perda severa de autonomia pessoal.

A ausência de mecanismos estatais robustos de suporte à infância e a inflexibilidade das corporações em relação à licença-paternidade empurram as mulheres para uma escolha binária e excludente: a dedicação à carreira profissional ou a renúncia dela em prol da família. [14] A opção crescente pela "vida solo" (*singlehood*) é uma resposta racional a um mercado conjugal que falhou em se modernizar.

Atualmente, a literatura[15] e os think-Tanks econômicos citam dois movimentos socioculturais **"***Honjok*" (na Coreia do Sul) ou "*Tangping*" (na China) que refletem uma geração que escolheu viver, comer e estar estritamente sozinha. Os termos nasceram como subculturas da internet e movimentos sociais como indicadores ou sintomas psicossociais de fenômenos macroestruturais mais amplos — especificamente em relatórios sobre o mercado de trabalho jovem, a crise de saúde mental e o impacto do isolamento na economia da Ásia. Para reverter esse cenário, sociólogos e analistas apontam a urgência de reformas estruturais que protejam e incentivem as famílias, garantindo redes de apoio robustas para a criação dos filhos.

Crises gêmeas na Coreia do Sul

A Coreia vive um paradoxo que desafia os analistas de saúde global: ao mesmo tempo em que é uma das nações mais inovadoras, ricas e tecnologicamente avançadas do planeta, ela

[13] https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12800761/

[14] É sobre a mulher que recaem as pressões culturais e toda a carga do cuidado não remunerado. Aqui o "cuidado" sai do campo do afeto e entra no campo da economia política e da saúde pública, tecnicamente, alinhada aos padrões da OIT e ONU Mulheres. O *Trabalho de Cuidado Não Remunerado* refere-se a todas as atividades não pagas realizadas dentro de um domicílio ou comunidade para o bem-estar e a manutenção das pessoas – trata-se da **"**infraestrutura invisível da vida". Dividido em duas categorias principais: Cuidado Direto – atividades que envolvem a atenção física e emocional a pessoas, como cuidar de crianças, idosos, doentes ou pessoas com deficiência – e sobre isso a OIT (Organização Internacional do Trabalho) – Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work explica a diferença entre o cuidado remunerado (enfermeiros, babás) e o não remunerado; Cuidado Indireto – atividades de suporte que permitem que a vida e o cuidado ocorram, como cozinhar, limpar, buscar água ou combustível, lavar roupas e a gestão do lar que, segundo a ONU Mulheres – Unpaid Care and Domestic Work muitas vezes impede o alcance do ODS 5 (Igualdade de Gênero). Os relatórios da ESCAP e do Banco Mundial ao mencionarem custo do cuidado estão calculando o Custo de Oportunidade perdida. Ou seja, quanto a economia deixa de ganhar porque milhões de mulheres estão dedicando horas a essas tarefas em vez de estarem no mercado de trabalho formal, estudando ou cuidando da própria saúde – mulheres com pobreza de tempo negligenciam seus próprios exames preventivos, têm maiores índices de burnout e menor acesso a atividades físicas ou descanso, o que sobrecarrega os sistemas de saúde pública a longo prazo.

[15]https://www.researchgate.net/publication/367172828_The_lying_flat_movement_global_youth_and_globality_a_case_of_collective_reading_on_Reddit

lidera de forma isolada e trágica o ranking de maior taxa de suicídio entre os países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).[16][17]

A conexão entre o "inverno demográfico" e o colapso da saúde mental, com alto número de suicídios, na Coreia do Sul é um dos temas mais debatidos na sociologia médica e na economia do desenvolvimento hoje.

As crises gêmeas são assim descritas porque não são fenômenos isolados, mas duas faces da mesma moeda epidemiológica. Como aponta a literatura sobre a sociologia do desenvolvimento asiático, o colapso da nupcialidade e a escalada do sofrimento psíquico compartilham da mesma matriz estrutural: uma cultura de hiper competitividade e pressão por status que esvaziou os laços de solidariedade comunitária. O isolamento social e o custo de vida urbano não apenas desestimulam a criação de novas famílias, empurrando a juventude para o fenômeno do *Honjok*, mas também transformam o fracasso socioeconômico em uma sentença de desamparo psicológico. No ecossistema sul-coreano, a recusa em ter filhos e o ato trágico de tirar a própria vida emergem como sintomas indissociáveis de uma sociedade que enriqueceu suas indústrias biotecnológicas, mas tornou o custo humano de sua própria reprodução social insustentável

Isto é, o mesmo ecossistema sociocultural que exige dedicação total ao trabalho e aos estudos inviabiliza a construção de famílias (gerando a menor taxa de fertilidade do mundo) e esmaga psicologicamente o indivíduo que não atinge os padrões de excelência (gerando a maior taxa de suicídio da OCDE). Ambos os fenômenos são sintomas da mesma patologia social: uma sociedade que priorizou o PIB em detrimento do bem-estar coletivo.

E como consequência dessa mudança social na queda de casamentos e de natalidade, a taxa de suicídio entre idosos na Coreia é alarmante. O motivo é a quebra do pacto geracional. Antigamente, os filhos cuidavam dos pais; hoje, com a ocidentalização e a falta de filhos, muitos idosos caem na pobreza extrema (a Coreia tem a maior taxa de pobreza na terceira idade da OCDE) e cometem o chamado "suicídio por isolamento".

Considerações finais

A Ásia está dividida por falha demográfica. Enquanto o Leste e o Sudeste Asiáticos sofrem com o acelerado envelhecimento populacional, o colapso de casamentos e escassez de cuidadores formais, o Sul da Ásia, especialmente a Índia, precisa correr contra o tempo para aproveitar sua juventude, para não começar a envelhecer sem alcançar o desenvolvimento econômico que assegure políticas e sistemas de saúde e bem-estar social para essa população.

---

16 https://www.oecd.org/en/publications/health-at-a-glance-2025_15a55280-en/korea_40b1d2b4-en.html

17 Segundo a OMS, Lesoto e Eswatini, ambos os países na África Austral, registram as maiores taxas de suicídio do mundo em termos absolutos, seguidos por Guiana e Uruguai (América Latina). Diferentemente da Coreia, a crise mental nos países africanos é movida por determinantes sociais severos, como extrema pobreza. Na Guiana, o fenômeno é rural, envolvendo questões de violência doméstica e estigma, cujas mortes são por envenenamento por uso de pesticidas. No Uruguai, o fenômeno está associado a fatores demográficos (população envelhecida), isolamento social, alta incidência de depressão não tratada, fácil acesso a meios letais e o peso histórico de uma cultura de introspecção e individualismo. https://www.who.int/data/gho/data/themes/mental-health/suicide-rates

O Sul da Ásia se destaca como o cenário de maior “desperdício de talento”: as mulheres estudam, mas o sistema legal e as normas sociais (o “monstro” invisível) as impedem de converter esse estudo em autonomia econômica.[18]

Em todos os casos é a mulher o grande “amortecedor” dessa crise demográfica.[19] Isto é, recai sobre ela a responsabilidade de evitar o colapso demográfico.

E tendo como exemplo países como China, Japão e Coreia, cujas políticas fracassaram, a Índia precisa se mover rápido e avançar em políticas públicas, tanto me capacitação e geração de empregos, quanto nas políticas trabalhistas, quanto nas políticas de rede de apoio. E isso envolve mudanças culturais machistas e arraigadas, como o casamento infantil.

[18] Sul da Ásia – O Grande Potencial e as Barreiras da Norma Social

[19] Saiba mais em Marques, L. 2026. Mulheres na Ásia e no Oriente Médio: uma combinação de desafios e oportunidades. Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde. Edição 4 – 2026, p.258-269.